

Foto: Cristina Botelho

Tekoa Porã: Tradição viva

São cinco mil índios Guarani, aproximadamente, que habitam o território brasileiro. Em 1500, eles ocupavam uma região que se estendia pelo litoral de Cananéia (litoral sul de São Paulo) até o Rio Grande do Sul. Hoje ocupam áreas dos Estados do Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná que estão associadas ao seu território tradicional, além de áreas litorâneas de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Espírito Santo que apresentam ocupação mais recente, decorrente de fluxo migratório iniciado no século XIX.

Os Guarani estão divididos em Kaiwá (principalmente em Mato Grosso do Sul), Nhandeva (Paraná e São Paulo) e Mbiá (ao longo do litoral das Regiões Sul e Sudeste).

Apesar dos quase cinco séculos de contato com a sociedade nacional, os Guarani mantêm suas tradições culturais. Seguindo mensagens de Nhanderú, eles buscam o que acreditam ser a "Terra sem Males", um lugar onde não falta caça, pesca e muita paz. Esse é o caso dos índios Guarani Mbiá que moram, na Aldeia Boa Esperança, no Espírito Santo.

(Página 3)

EDITORIAL

Os 500 Anos e a Contemporaneidade das Sociedades Indígenas

Refletir sobre os grupos indígenas nestes 500 anos de história brasileira é a meta do Museu do Índio para o ano 2000. Uma das ações previstas, a abertura no final de março da exposição "Corpo e Alma Indígena", mostrará aos visitantes o corpo humano como uma construção sócio-cultural, além de aspectos ligados ao cotidiano indígena. O objetivo do evento será enfatizar a diversidade cultural e a contemporaneidade destas sociedades, já que o Museu do Índio desenvolve trabalhos com grupos indígenas contemporâneos cujas riquezas e diversidade tornam a instituição viva e atuante.



Museu de *Corpo e Alma*

O *Museu do Índio* se antecipa aos 500 anos de chegada da expedição cabralina, em terras então habitadas pelo povo Tupinambá, e convida o público a entrar de corpo e alma em sua nova exposição: *Corpo e Alma Indígena*, que será inaugurada no final de março. Pelas salas do Museu, o visitante percorrerá o processo de construção do corpo na cosmovisão dos povos indígenas brasileiros.

“A exposição mostra o corpo como uma construção cultural. Enfatizar o aspecto da diversidade e da contemporaneidade destas sociedades, sobretudo, quando estão acontecendo inúmeros eventos relacionados à temática indígena, é o objetivo.”, conta a antropóloga do Museu, Arilza de Almeida.

O Museu acredita que mais de 60 mil visitantes conhecerão a exposição ao longo do ano 2000, sobretudo crianças, que, motivadas pelas comemorações dos 500 anos, farão do Museu do Índio passagem obrigatória em complementação às atividades curriculares.

“Queremos falar do índio real, derrubar preconceitos. Apresentar uma visão próxima e participativa das concepções de vida e de morte dos povos indígenas. Do índio de hoje que vem aqui no Museu e que conta histórias de seu povo.”, revela Lúcia Bastos, museóloga do Museu.

Ao entrar na exposição, o visitante se deparará com o nascimento, início do reconhecimento de toda uma trajetória que concede sentido à vida e significado à morte, e mergulhará no universo infantil.

Passando em seguida pelo primeiro rito representado no percurso, o de nomeação.

Na sala seguinte, o visitante reconhecerá o corpó crescido, a adolescência,

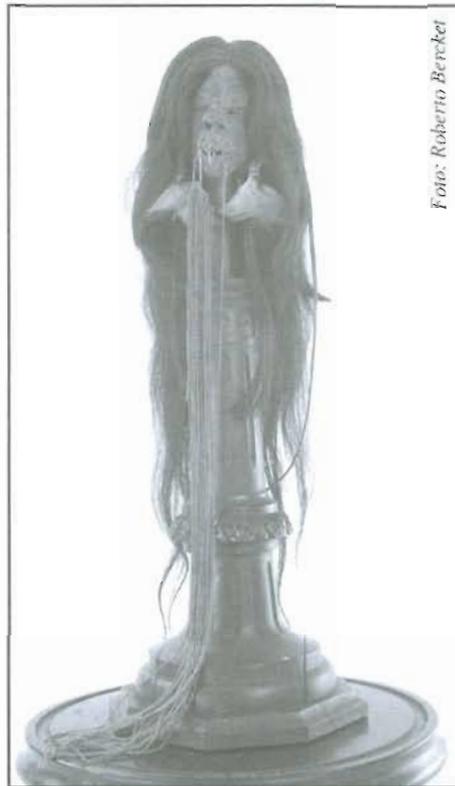


Foto: Roberto Berckel

Troféu de guerra do povo Jivaro.

com os diferentes ritos por que passam o corpo masculino e feminino nesta etapa, quando o ser tem consciência do corpo, vaidade e responsabilidade com ele. E passa por provas dolorosas para asseverar essa consciência.

A terceira sala revelará a grande atração da exposição. Destinada a representar a inter-relação predatória dos corpos, entre as queixadas de animais e instrumentos de caça e de guerra, estará exposta, pela

primeira vez, a cabeça reduzida-troféu de guerra do povo Jivaro, que habita a Região Amazônica.

A quarta sala abrigará a relação prazerosa entre os corpos, a união sexual, como a concebem os povos indígenas, despida de encobrimentos e mitificações, marcando ainda a diferença de gênero entre os produtos do trabalho do homem e da mulher.

Seguindo o itinerário, o visitante será estimulado, então, a conhecer e a reproduzir padrões de pintura de diferentes etnias indígenas no papel ou em seu próprio corpo, representando o corpo como objeto estético. Isso será reforçado nas sexta e sétima salas.

Na oitava, a sala das máscaras, o corpo será o repositório ritual de representações míticas de diferentes grupos indígenas sobre as entidades sobrenaturais da flora e da fauna.

No caminho para a última sala, o visitante reconhecerá rituais de cura religiosa e se preparará para a morte do corpo e para a transmigração para outras formas de vida.

“As cores e a iluminação da exposição foram elaboradas conforme o significado de cada ambiente para reforçar-lhes a expressividade. Bastante azulão, vermelho, tons de caramelo, tons de verde, branco, cor de terra, entre outras, darão o clima necessário a cada processo representado”, revela Chicô Gouvêa, arquiteto convidado a adaptar o interior do Museu para a exposição.

A exposição ficará no Museu por um ano donde deverá seguir para outras cidades.

EXPEDIENTE

Jornal Museu Ao Vivo - nº18 Ano XI
janeiro/99 a fevereiro/00

Editado pela Seção de Comunicação Social/
Serviço de Atividades Culturais e Divulgação -
SACD

Museu do Índio

Fundação Nacional do Índio

Presidente da Funai: Carlos Frederico Marés

Diretor do Museu do Índio: José Carlos

Levinho

Chefe do Serviço de Atividades Culturais e

Divulgação-SACD: Arilza de Almeida

Responsável pela Seção de Comunicação

Social: Cristina Botelho

Jornalista responsável: Cristina de Jesus

Botelho Brandão - Reg. Prof. 18.678

Consultora Técnica: Arilza Nazareth de Almeida
(Antropóloga)

Consultoria Técnica para coluna *Informes 500*

anos: Carlos Augusto da Rocha Freire

Redação: Cristina Botelho, Fernando Soares e

Rosângela Abrahão

Programação Visual: Orlando Vieira

Ilustração: G. Togo

Editoração de Imagens: Gê Stancke, Marcus

Fernandes e Rômulo Queiroz

Colaboração na Pesquisa: Maria Inês V.P. Fraga

Apoio: De Plá

Distribuição Gratuita

Tiragem: três mil exemplares

Museu do Índio

Rua das Palmeiras, 55 - Botafogo

Rio de Janeiro - RJ

CEP 22270-070

Telefax: (0xx21) 286-8899

e-mail: comunicacao@museudoindio.org.br

<http://www.museudoindio.org.br>

Visitação:

3ª a 6ª feira, das 10 às 17h30min.; sábado e

domingo, das 13 às 17h.

Museu Ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.

Os Guarani de Tekoa Porã

O jornal MUSEU AO VIVO foi até o Espírito Santo conhecer de perto como vivem os Guarani Mbiá da Aldeia Boa Esperança, município de Aracruz, a cerca de uma hora da capital Vitória. O líder do grupo, cacique-pajé Jonas da Silva, conta que a comunidade saiu do Rio Grande do Sul, no início do século, seguindo orientação de sua avó, líder espiritual. Chegaram, na região capixaba, na década de 50. Lá, já encontraram os Tupiniquim, com quem dividem, amigavelmente, a área de 2.997 hectares, na Terra Indígena Caieiras Velhas. O grupo atual conta com 182 pessoas, das quais 55 são crianças.

Rituais religiosos são rotina

O dia a dia na Aldeia Boa Esperança inclui trabalho comunitário na pesca e no roçado, cuja produção é dividida igualmente entre as famílias, e muita reza e dança para Nhanderú (líder espiritual). Pela manhã, ao levantar, e antes de dormir, as crianças dançam e cantam na Opy (Casa de Reza) para pedir a proteção de Nhanderú e, antes de começar as brincadeiras, ouvem os conselhos dos mais velhos. O cacique Jonas diz que, durante o dia, além de brincar, os menores ajudam seus pais com pequenas tarefas domésticas. A partir dos sete anos, eles freqüentam duas escolas, a da Prefeitura, onde aprendem o português, e a da aldeia, com professores da própria comunidade que cuidam de preservar a cultura de seu povo, ensinando a língua guarani, entre outros costumes tradicionais. Os que têm mais de dez anos vão junto com os adultos para aprender a trabalhar na roça e fazer artesanato. Só assumem maior responsabilidade, participando mais ativamente das tarefas, após os 15 anos. As meninas mais velhas cuidam dos irmãos e sobrinhos menores e são consideradas prontas para casar a partir 15 anos.

Uma das preocupações do cacique-pajé é evitar que crianças e jovens saiam em direção à cidade, para evitar problemas como a gravidez precoce e o envolvimento com drogas e bebidas alcóolicas, proibidas na aldeia.

Meio-ambiente une Guarani e Tupiniquim

Desde o século XVI que o povo Tupiniquim ocupa o litoral norte do Espírito Santo. No entanto, a Aracruz, empresa de papel e celulose, se apropriou de grande parte do território Tupiniquim para plantio de eucaliptos, de onde extrai a celulose. O conflito entre a empresa e os índios começou nos anos 50. Mesma década em que os Guarani ocuparam Tekoa Porã. O eucalipto plantado na região pela Aracruz transformou o ambiente, diminuindo a fauna e a flora nativas. Unidos, através da Associação Indígena Tupiniquim e Guarani, os índios lutaram contra a devastação da natureza. Apoiados pela Funai, na década de 90, os índios obtiveram a posse de boa parte das terras requeridas e o pagamento pela Aracruz de indenização pelo uso indevido do solo.

Na Aldeia Guarani, a comunidade vem tentando desenvolver o cultivo de suas roças tradicionais como aipim, feijão, batata, milho, banana e outras frutas, para consumo próprio ou para vender, mas vem encontrando dificuldades em conseguir algumas sementes. O plantio de café para comercialização ainda é novidade. A produção de artesanato é outra atividade importante em Tekoa Porã.



Na foto: Índia Aurora, líder espiritual dos Mbiá, pelo olhar de Isabel Plá. Das 64 aldeias Guarani, a fotógrafa já esteve em sete. Os registros desta visita e de outras feitas aos povos Pataxó, Karajá, Kariri-Xocó e do Xingu, entre outros, foram doados ao Museu do Índio.

INFORMES 500 ANOS

Em 1500, existiam cerca de 1.400 tribos no Brasil pertencentes a 40 famílias lingüísticas, de acordo com levantamento feito pelo etnólogo Curt Nimuendaju, na década de 30, a partir de documentos oficiais da história do Brasil.

Dos povos que os portugueses encontraram no litoral do Brasil em 1500, restam os grupos Potiguara (Paraíba), Tupiniquim (Espírito Santo), Guarani (Região Sul), entre outros.

Há 1.492 línguas indígenas faladas na América do Sul: 718 só na região Amazônica (estudo do lingüista Cestmir Loukotka, realizado em 1968).

O povo que Cabral encontrou na costa da Bahia era chamado Tupiniquim e pertencia à grande família Tupinambá, tronco lingüístico Tupi-Guarani, que ocupava quase todo o litoral.

Em 1500, os índios Tupinambá moravam em dezenas de aldeias no litoral do Estado do Rio de Janeiro: os Goitaca ocupavam planícies e restingas do Norte fluminense; os Guarulho viviam na Serra dos Órgãos; os Puri, Coroado e Coropó espalhavam-se pelas ramificações da Serra do Mar e pelo Vale do Rio Paraíba e seus afluentes. Falavam 20 línguas diferentes.

Descobrir o Descobrimento

*Davi Kopenawa Yanomami

Os brancos são engenhosos, têm muitas máquinas e mercadorias, mas não têm nenhuma sabedoria. Não pensam mais no que eram seus ancestrais quando foram criados. Nos primeiros tempos, eles eram como nós, mas esqueceram todas as suas antigas palavras. Mais tarde, atravessaram as águas e vieram em nossa direção. Depois, repetem que descobriram esta terra. Só compreendi isso quando comecei a compreender sua língua. Mas nós, os habitantes da floresta, habitamos aqui há longuíssimo tempo, desde que Omama nos criou. No começo das coisas, aqui só havia habitantes da floresta, seres humanos. Os brancos clamam hoje: "Nós descobrimos a terra do Brasil". Isso não passa de uma mentira. Ela existe desde sempre e Omama nos criou com ela. Nossos ancestrais a conheciam desde sempre. Ela não foi descoberta pelos brancos! Muitos outros povos, como os Makuxi, os Wapixana, os Waiwai, os Waimiri-Atroari, os Xavante, os Kayapó e os Guarani ali viviam também. Mas, apesar disso, os brancos continuam a mentir para si mesmos pensando que descobriram esta terra! Como se ela estivesse vazia! Como se os seres humanos não a habitassem desde os primeiros tempos.

Os brancos foram criados em nossa floresta por Omama, mas ele os expulsou porque temia sua falta de sabedoria e porque eram perigosos para nós. Ele lhes deu uma terra, muito longe daqui, pois queria nos proteger de suas epidemias e de suas armas. Foi por isso que os afastou. Mas esses ancestrais dos brancos falaram a seus filhos dessa floresta e suas palavras se propagaram por muito tempo. Eles se lembraram: "É verdade! Havia lá, ao longe, uma outra terra muito bela!", e voltaram para nós. Na margem desta terra do Brasil aonde eles chegaram viviam outros índios. Esses brancos eram pouco numerosos e começaram a mentir: "Nós, os brancos, somos bons e generosos! Damos presentes e alimentos! Vamos viver a seu lado nesta terra com vocês! Seremos seus amigos!". Era com essas mesmas mentiras que tentavam nos enganar desde que também chegaram a nós.(...) Mas desde que se instalaram realmente, desde que construíram suas habitações e abriram suas plantações, desde que começaram a criar gado e cavar a terra para procurar ouro, esqueceram sua amizade. Começaram a matar as gentes da floresta que viviam perto deles.

Nos primeiros tempos, os seres humanos eram muito numerosos nesta terra. É o que dizem nossos mais velhos. Não havia doenças perigosas, sarampo, gripes, malária. Estávamos sozinhos, não havia garimpeiros para queimar o ouro, fábricas para produzir ferro e gasolina, carro e aviões. A floresta e os que a habitavam não estavam o tempo todo doentes. Foi apenas quando os brancos se tornaram muito numerosos que sua fumaça-epidemia *xawara* começou a aumentar e a se propagar por toda a parte. Essa coisa má se tornou muito poderosa e foi assim que as gentes da floresta começaram a morrer. Quando viviam sem os brancos nossos ancestrais não tinham fábricas, caçavam e trabalhavam em suas plantações para fazer crescer seu alimento. Também não

sujavam todos os rios como esses brancos que agora procuram ouro em nossas terras.

"Nós descobrimos estas terras! Possuímos os livros e, por isso, somos importantes!", dizem os brancos. Mas são apenas palavras de mentira. Eles não fizeram mais que tomar as terras das gentes da floresta para se pôr a devastá-las. Todas as terras foram criadas em uma única vez, as dos brancos e as nossas, ao mesmo tempo que o céu. Tudo isso existe desde os primeiros tempos, quando Omama nos fez existir. É por isso que não creio nessas palavras de descobrir a terra do Brasil. Ela não estava vazia! Creio que os brancos querem sempre se apoderar de nossa terra, é por isso que repetem essas palavras. São também as dos garimpeiros a propósito de nossa floresta: "Os Yanomami não habitavam aqui, eles vêm de outro lugar! Esta terra estava vazia, queremos trabalhar nela!". Mas eu, sou filho dos antigos Yanomami, habito a floresta onde viviam os meus desde que nasci e eu não digo a todos os brancos que descobri! Ela sempre esteve ali, antes de mim. Eu não digo: "Eu descobri esta terra porque meus olhos caíram sobre ela, portanto a possuo!". Ela existe desde sempre, antes de mim. Eu não digo: "Eu descobri o céu!". Também não clamo: "Eu descobri os peixes, eu descobri a caça!". Eles sempre estiveram lá, desde os primeiros tempos. Digo simplesmente que também os como, isso é tudo.

**Davi Kopenawa Yanomami, 44 anos, vive na Aldeia Yanomami de Watoriki (AM). Ele é chefe do Posto Indígena Demini e um dos mais influentes xamãs de Watoriki. Teve seu trabalho em defesa da natureza e do povo Yanomami coroado com o recebimento, depois de Chico Mendes, do prêmio Global 500 do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.*

*Trecho extraído do livro *A Outra Margem do Ocidente*, organizado por Adauto Novaes e editado por Minc-Funarte/ Companhia das Letras em 1999.*

IMPRESSO